

A partir daí, de modo dialético, constrói-se um novo "estatuto pastoral", ou seja, a concepção, os fundamentos e os sentimentos de uma **Pastoral da Juventude dos Excluídos**, onde a cosmovisão, as idéias geradoras, os vocábulos temáticos, os símbolos... são dos próprios jovens excluídos, e não algo já construído sem a participação direta deles.

A Campanha da Fraternidade de 95 traz-nos um questionamento sensivelmente exigente e comprometedor, e com certeza a PJ do meio popular de Florianópolis tem muito a nos dizer, no sentido de levar-nos a redimensionar nossa vivência evangélica e, portanto, a nossa ação, frente aos desafios colocados pelos(as) jovens excluídos(as) e sacrificados(as) do Estado de Santa Catarina.

NOTAS

(1) Cf Estudos da CNBB, n. 44, *Pastoral da Juventude no Brasil*, Ed. Paulinas, SP, 1986, p. 37

(2) BOFF, Leonardo, *Como pregar a Cruz hoje, numa sociedade de crucificados*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1986, p. 19

(3) Id., *ibid.*, p. 19

(4) Cf RIBEIRO, Hélcion, *Da periferia um povo se levanta*, Ed. Paulinas, SP, 1988, p. 21

(5) BOFF, Leonardo, obra cit., p. 20

(6) Id., *ibid.*, p. 20

(7) Cf FRUTUOSO, Antônio C., *Pastoral da Juventude no Regional Sul IV. História e Organização*, texto no Arquivo da Secretaria Regional da PJ, Sede do Regional Sul IV, Florianópolis

(8) Cf Estudos da CNBB, n. 44, *Pastoral da Juventude no Brasil*, Ed. Paulinas, SP, 1986, p. 37

(9) Id., *ibid.*, p. 11-13

(10) Cf VV.AA., *Nona Assembléia Regional da PJ - História feita em mutirão*, relatório no Arquivo da Secretaria Regional da PJ, Sede do Regional Sul IV, Florianópolis, p. 5

(11) Id., *ibid.*, p. 8

(12) Cf BARBOSA, Josival L., *Pastoral Popular e Pedagogia da Libertação*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1988, p. 67

(13) Id., *ibid.*, p. 67

(14) Frei BETTO, *Oração na Ação*, p. 48

Endereço do Autor:

Coordenação Regional da PJ
Sede do Regional Sul IV da CNBB
rua Dep. Antônio Edu Vieira, 476
88040-001 FLORIANOPOLIS, SC

Fraternidade e Excluídos

Recanto da Esperança

Lar do re-encontro para os portadores do Vírus

Giovani Alberton Ascari
4º ano de Teologia - Tubarão

Partilho neste espaço um pouco da minha pequena experiência e da maneira como vejo e sinto a realidade dos excluídos, em especial os portadores do vírus HIV positivo.

Quando fui interpelado por um colega para ajudá-lo no acompanhamento espiritual de um grupo de quinze pessoas portadoras do vírus da AIDS, senti-me como o profeta Moisés:

"Mas eu não sei falar... Nunca trabalhei com essas pessoas... O que direi a elas em tal situação?... Não, não tenho condições, procure outro!" (cf Ex 4,10-13)

Lá no fundo do coração, porém, uma voz serena e confiante se fez ouvir: *Vai, eu estarei contigo!*

No caminho, em direção à casa onde eles estão, eu ia imaginando seus rostos, como seriam, que dificuldades traziam, que interrogações se faziam, que esperanças alimentavam...

Ao chegar lá, já de início me chamou a atenção o nome da casa: *Recanto da Esperança*. Ao entrar, abracei-os com alegria, disposto a ser amigo, a aprender e colaborar.

Observei um quadro do GANDHI, na parede, onde estava escrito: *"É necessário amar a mais insignificante das criaturas como a nós mesmos"*.

Fomos muito bem acolhidos por todos. Assim, desde março, todas as terças-feiras, eu, Dona Agnes e o Henrique, vamos visitá-los para, juntos, descobrirmos melhor Deus em nossas vidas.

Nossos encontros são variados e marcados por leituras bíblicas e reflexão da Palavra de Deus, vídeos com filmes bíblicos e outros aspectos da vida comunitária, slides, cantos e...muito diálogo.

É claro que a dinâmica espiritual vai se processando diferentemente em cada um, mas todos estão sedentos por descobrirem em Deus o caminho e o sentido para suas vidas.

Ah, eles gostam muito de cantar. E o canto de que mais gostam é aquele que diz:

*Te amarei, Senhor, te amarei, Senhor!
Eu só encontro a paz e a alegria bem perto de ti...*

Eu poderia escrever muito sobre como eles vivem na casa, de onde vêm, o que fazem, as dificuldades, as alegrias, a vida comunitária que levam... Mas, lembrando de Jesus, quando lhe perguntaram: *Mestre, onde moras?*, prefiro responder com Ele: *venham e vejam*. Acrescenta o Evangelho que *"eles foram e ficaram com Jesus aquele dia"* (cf Jo 1,39).

Acredito que não há maneira melhor para se conhecer uma realidade do que ir ao encontro dela. Assim é o nosso Deus: *"Eu vi, eu vi a miséria do meu povo. Ouvi o seu clamor e conheço as suas angústias. Por isso descí, a fim de libertá-lo, para fazê-lo subir..."* (cf Ex 3,7-8)

Também é profunda e provocante a parábola do Bom Samaritano: *"Quem é meu Próximo?"* (cf Lc 10,29) Jesus nos ensina que próximo, muito mais do que aquele que está perto de nós, é **aquele de quem, por amor, decidimos nos aproximar**. Os doentes nos hospitais, os meninos de rua, os portadores do vírus HIV, as prostitutas(os), os presos, enfim, os mais excluídos, estão sedentos de "bons Samaritanos" que se aproximem deles, por amor.

Afinal, de quem estamos próximos? Só das ovelhas gordas? daquelas que já estão no rebanho? Enfim, onde estão os cristãos?

Esta pro-vocação não faço somente à nossa Igreja. Dirijo-me a todos os cristãos ou, ainda mais, dirijo-me a todos os que têm sensibilidade e humanidade dentro de si. Clarice LISPECTOR já lembrava: "A maior necessidade do ser humano é tornar-se humano". E Leonardo BOFF conclui: "Tão humano assim, só podia ser Deus". Portanto, quanto mais humanos somos, mais divinos nos tornamos. E quanto mais divinos somos, mais humanos nos tornamos.

Por isso, ritos, cultos, sacrifícios, que aparentemente nos aproximam de Deus, mas não nos aproximam do nosso irmão, são hipocrisia e desagradáveis a Ele, como já lembraram os profetas do Antigo Testamento (cf Os 6,6).

Paulo, na 1Cor 13,1-13, mostra que um dos ingredientes do amor é que ele é benigno. Henry DRUMMOND, no livro "O Dom Supremo", diz: "Já repararam que Cristo utilizou grande parte do seu tempo no mundo sendo bom para os outros, deixando os outros contentes? Procure olhar por este ângulo, e notará que, embora Cristo tivesse muito o que fazer, não esqueceu de ser carinhoso para com o próximo".

Como jovem, sinto e percebo que o discurso que os MCS veiculam sobre a prevenção à AIDS é pobre e insuficiente. Por que não se faz propaganda da importância da qualidade do relacionamento entre pais e filhos? Por que não se fala do valor da fidelidade? Por que não se mostra que o verdadeiro amor existe? Por que não se defendem valores pelos quais vale a pena viver e pelos quais vale a pena dar a própria vida? Alguns se matam por não encontrarem um sentido para viver, outros dão a própria vida por descobrirem o sentido que a vida tem.

Fala-se de tudo, prega-se de tudo, mas o ser humano está vazio porque se esqueceu do que dá sentido a tudo: o amor. *"Deus é Amor e quem ama permanece em Deus e Deus nele"* (1Jo 4,16). Michel QUOIST, no seu livro "Fale-me de

Amor", afirma: "Morremos, não quando deixamos de viver, mas quando deixamos de amar". A qualidade e a profundidade do nosso amor faz a qualidade e a profundidade de nossa vida.

Não quero ser moralista, nem julgar ninguém, nem dar sermão. Pelo contrário, assim como meus irmãos portadores do vírus da AIDS, estou sedento por pessoas e valores que nos dêem a alegria de viver.

De todos os remédios que existem para combater o vírus da AIDS, penso que o melhor deles é o amor. Nada é mais importante ao aidético do que ele sentir-se amado, acolhido e compreendido por familiares, parentes, colegas, instituições... Por isso, deixemos de lado todo preconceito, toda condenação, todo julgamento que possamos ter com relação aos aidéticos (é bom ter presente que chamá-los desta forma - "aidéticos" - já é excluí-los!).

A misericórdia deve prevalecer sobre o julgamento (Tg 2,13). Jesus primeiro amou a prostituta e depois pediu-lhe a mudança de vida (cf Jo 8,1-11). Nós fazemos o contrário, exigimos que a pessoa mude para só depois amá-la. Não há nada mais maravilhoso do que perceber que pessoas mudaram depois de se sentirem amadas. Pude perceber esta mudança em irmãos meus, portadores do vírus da AIDS, que se encontram na casa *"Recanto da Esperança"*. Sei também que não sou mais o mesmo desde que comecei a ir visitá-los.

Pio XI já recordava: "Há muita gente má no mundo porque não foi suficientemente amada". No fim dos tempos não é Deus quem vai nos julgar, mas sim os Lázarus da vida, aqueles que nossa sociedade exclui. Que não sejamos apanhados de surpresa: "Acaso eras tu, Senhor?" E ele nos dirá: *"Sim, era Eu. Eu estava com fome e não me destes de comer, estava com sede e não me destes de beber. Fui forasteiro e não me recolhastes. Estava nu e não me vestistes, doente e preso, e não me visitastes"* (Mt 25,42-43). Eu estava aidético e não me amastes, pelo contrário, aumentastes ainda mais o peso da minha cruz com todo tipo de preconceito, julgamento e condenação.

Concluindo, quero louvar e bendizer a Deus por tantas pessoas anônimas, espalhadas por este mundo, nos hospitais, nas ruas, nas famílias, no trabalho... que buscam amar a Deus e ao próximo de todo o coração.

Agradeço à Dona Agnes - leiga cristã do GAPA - que ajudou na preparação deste artigo. Agradeço também a todos os irmãos em recuperação, que se encontram no "Recanto da Esperança", pelo carinho e pela amizade. Agradeço ainda ao Leomar SANTANA, que lá se encontra e que escreveu a mensagem a seguir:

O AMANHÃ

*Quando estas frias portas do submundo das drogas
se abriram ao meu desespero,
trancando-me em um falso mundo
de tristes e cruéis ilusões,*

*a minha cabeça, o meu coração,
os meus olhos e o meu Espírito choravam.*

*Mas, você cruzou as frias sarjetas deste submundo
e me fez sorrir.
Você me consolou colocando suas mãos
em minha cabeça
e me fez crer que, mesmo em um mundo vazio,
uma esperança pode nascer.*

*Você me fez crer que meras coisas banais,
como a droga,
não podem sufocar as forças da alma.*

*Por isso, hoje, acredito em uma Força Superior
chamada Jesus.*

*Não me deixo levar pela zanga,
nem pela impaciência.
Não permito que a inveja, a malícia,*

*a idéia de vingança e o ressentimento
encontrem lugar em minha mente.*

*Hoje cultivo a paciência, a tolerância,
o perdão e o amor
para com todas as criaturas,
porque, somente hoje,
descobri que Deus é o que me faltava
para compreender aquilo que eu não compreendo.*

Endereço do Autor:

*Seminário Teológico de Tubarão
Caixa postal 5073
88040-970 - FLORIANPOLIS, SC*

Fraternidade e Excluídos

Os Kaingang do Pinhal Excluídos em Nosso Estado

Notas Informativas

*Jussara Maria Rezende
do CIMI - Chapecó*

1 A Área indígena do Pinhal localiza-se em Seara, SC. Compreendida dentro do território tradicional Kaingang no Brasil (faixa de terras no oeste de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul), a documentação até hoje pesquisada comprova a presença do grupo do cacique Gregório Rodrigues MRÉYN a partir de 1856.

2. Antes da colonização, estes Kaingang dominavam uma extensão de terra que tinha como limites os rios Irani, Ariranha, Lageado das Tocas, seguindo por uma linha seca até o Lageado Uru, perfazendo um total, plotado no mapa pelo GT - Grupo Técnico - da FUNAI, de 8.990 hectares.

3. No final da década de 10 em diante, a terra é colonizada pela empresa LUCE & ROSA, autorizada pelos Governos estadual e federal. Com propagandas duvidosas sobre as condições de vida e da terra no Brasil, isto somado à crise econômica pela qual passava a Alemanha, a Colonizadora vendia sonhos às famílias imigrantes.

4. Com violência, a empresa LUCE & ROSA promoveu a expulsão dos Kaingang do Pinhal, principalmente nas décadas de 40 e 50, causando a dispersão da comunidade. Algumas famílias, recusando-se a abandonar o seu chão, submetem-se aos "novos donos" da terra trabalhando como "peões" ou pagando a "meia" (50%) de sua produção.

5. Os Kaingang do Pinhal, cansados do exílio forçado, de viverem como estrangeiros em sua própria terra, e respaldados pela Constituição Federal, iniciam, em 1991/92, o movimento de resistência pela demarcação de suas terras.

Em 15 de março de 1992, enviam carta ao Presidente da FUNAI: "...vivemos sendo ameaçados de ser despejados de cima de nossas terras. Nem do nosso cemitério podemos cuidar porque os brancos impedem. No mês de fevereiro tentaram queimar a casa do cacique João Maria PIROY".

A Constituição Federal, art. 231, diz: São reconhecidos aos índios (...) os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam (...) os direitos sobre elas são imprescritíveis (...) as terras de que trata este artigo são inalienáveis (...) indisponíveis (...) São nulos e extintos, não produzindo efeitos jurídicos, os atos que tenham por obje-